

GUALDINO GOMES — CARLOS SERTORIO

BALAS... DE PAPEL

... palavras contra a pessima ordem das coisas sublanares

CAMILLO CASTELLO BRANCO

PUBLICAÇÃO BIMENSAL

N.º 1 — 30 de novembro

LISBOA
IMPRESA DE LUCAS EVANGELISTA TORRES

93 — Rua de Diario de Noticias — 93

1891

1564

4564
GUALDINO GOMES — CARLOS SERTORIO

BALAS... DE PAPEL

... palavras contra a pessima ordem das coisas sublunares

CAMILLO CASTELLO BRANCO



LISBOA

IMPRESA DE LUCAS EVANGELISTA TORRES

93 — Rua do Diario de Noticias — 93

1891

BALAS... DE PAPEL

A FIALHO D'ALMEIDA

PREITO DE VASSALLAGEM AO MAIOR DE TODOS OS MODERNOS
ESCRITORES PORTUGUESES

SAUDAÇÃO VIBRANTE DE ENTHUSIASMO AO ESCARNECEDOR
JUSTICEIRO E TEMIVEL DOS **GATOS**

APRESENTAÇÃO D'ARMAS

Não ha, nem houve ainda, publicação despretençiosa, metaphoricamente humilde, como esta: deseja apenas... endireitar o mundo. Como sabeis, Archimedes, com uma alavanca, propunha-se levantá-lo, se lhe dessem um ponto fixo no espaço. Este facil folheto ephemero não se abalança a um tal arrojado de alçapremação. Seus auctores, modestos e bem intencionados, contentam-se com pôr o mundo a direito, — outros que o ergam! — e, para levar a cabo o seu intento, teem um largo cabedal de causticos gracejos no effeito moralizadoramente intenso dos quaes muito confiam — com toda a razão. Tambem contam — pois nem injustos nem presumi-

N/

dos soem ser — com a boa vontade dos concidadãos prestimosos.

A' presença do publico illustrado
Vem a artista pedir protecção ;
Se consegue mer'cer vosso agrado,
E' p'ra ella o maior galardão !

Talqualmente o singelo fasciculo de satira que aqui tendes carece do vosso concurso, que assim ha de ser para nós abaixo assignados o «maior galardão» da vida attribulada de reformadores que vamos arrastando e da qual podiamos dizer como a *artista* :

Na espinhosa carreira que sigo...

Ainda mais. Realizada que seja a obra de *endireita*, cuja é esta advertencia promessa, hemos de retirar á nossa pipa diogenica, rejeitando philosophicamente empregos e titulos de nobreza ou da divida publica. Queremos, como o Elvino de Brito programmatizou no cartaz do *Jornal da Noite* refundido, «mais moralidade, mais economia na publica administração» ; logo não accitaremos dadas do Estado — grato.

Diogenes mandava tirar Alexandre do seu sol ; faremos o mesmo nós — já vos prevenimos — se lá fordes, como o outro, a querer pagar-nos o heroico esforço. E não será mau lembrar que o grande cynico, além da celebre lanterna que sempre trazia, não largava nunca um rustico tira-teimas por demais conhecido dos Athenienses.

GUALDINO GOMES
CARLOS SERTORIO

Depois disto diremos que as *Balas... de papel* não veem preencher uma lacuna, não, senhores ; nem são, apesar do que vindes de ler, — «absolutamente independentes», como o *Nacional* do sr. Mariano Pina, que em materia de tiros — valha a verdade — tem recebido muita vez a sua bucha...

As *Balas...* raro serão de peça — que levam muito papel e tinta. Simples fuzilaria de explosivos projecteis, mais temiveis a final que dammosos. Variedade de *pim-pam-pum* de

feira, em que a pella, quando apanhe o fantoche pelas ventas, sómente o derrube, para gaudío do vulgacho.

Vae começar o tiroteio. — Socegae ! Entre mortos e feridos...



Preparar !... Apontar !... Fogo !

Caiu um jornalista fuzilado. Quem era elle ? Ninguém. Como se chamava ? Ignora-se. Era um provinciano, talvez o sr. José Luiz... Representava o jornalista português ; estava, emfim, vasado nos moldes impostos pelos proprietarios de periodicos. Ganhava vinte e quatro mil réis por mez, sabia quem fazia annos, e ignorava syntaxe como um heroe... Noticiava jantares de duques e de *Brazileiros*, em cujas casas devorava pernas de gallinha com a avidéz propria da sua especie, — os olhos abertos aos segundos pratos que os criados traziam, as ventas escancaradas para ir cheirando o que não estava comendo já... Procurava nas ruas e praças concorridas uma senhora de riqueza averiguada, enganando-a com um fato que não estava pago, e com uma celebridade que pedira aos collegas para cuja celebridade trabalhara tambem... Era, finalmente, um estomago com fama de cabeça, e demais um estomago em mau uso, dispeptico, passando por cabeça com faculdades activas...

Bem empregada bala ! Foi de patas ao ar...

Effectivamente, a mais notavel feição do nosso rato de redacção é a voracidade. Mas voracidade de tudo. Voracidade de bons jantares, de bailes, de dinheiro, de empregos, de nome, de applausos.

Nenhum pensa em escrever um bom livro ; mas desejaria fazer uma peça para o theatro. Boa ? Não ; que pegasse.

Perguntámos a um por que. Ora que pergunta ! Quem lhes não observa a voracidade !...

Respondeu-nos :

— Que um livro bom teria muito merecimento, mas que era apenas lido por quatro homens de valor... e acabou-se. E uma peça ?... Era ouvida por todos, recebiam-se os applausos, ali mesmo, de throno ; e coroas, e presentes... — E depois, accrescentou, — ganha-se dinheiro grosso, é-se falado

em todos os jornaes, é-se criticado pelas notabilidades á *uma* no dia seguinte á estreia.

E muito velhaco :

— Veja você o que succede com um livro bom ! Amanhã uma critica, d'ahi a um mez outra ; depois uma noticia rasa de *recebemos e agradecemos*. Dinheiro : vistel-o ? ! Chamadas ao auctor houve algumas?... Com a peça, inclusivamente, é-se retratado nos periodicos illustrados, e apanha-se desenhinho rodeado de louros na primeira pagina apothéósica do *Antonio Maria*, com palavras do *Quidam* e do *Pan-Tarantula* ! Elle é bem mau !

E afastou-se, dizendo que ia jantar com um empresario.

Balas perdidas... Que os jornalistas não lêem... Ha só portanto um meio de os ferir : á cajadada, no verdadeiro sentido da palavra.

Vejamos quem cae ao segundo tiro. Esta charneca é abundantissima em caça brava.

Pum !

(E o caçador, avançando por entre as moitas, levanta do chão, e pela cauda, uma peça em decomposição.)

— Oh ! um político !... Puh !



Nacionalizemo-nos ! — é o grito da industria da producção ; mas a industria de consumir parece que se retrae. Poderá ! Vão lá deshabituár a gente rotineira de gostar de extranjeirices ! Os mesmos contemplados na Covilhã com o noticiado, mas não agradecido, corte de calças, trazem-no só por casa, e até alguns se desfizeram delle logo á chegada. E certamente que não valerá o exemplo do sr. infante D. Affonso, mandando fazer numa casa do Porto um fato de fazenda portuguesa. Dado o derramamento das idéas democraticas o gasto dos productos do paiz só pode effectuar-se por lei que obrigue o cidadão á pratica desse dever. E pois que o governo, com audacia e temeridade muito para admirar, está com a mão na *massa* das reformas, a que nem o exercito, nem a diplomacia escapa ! — faça-se isso, que se terá impedido, pelo menos, a reproducção de casos como este :

Um talentoso poeta, quando foi da questão inglesa, perdeu uma noite, inflammado pela affronta e por uma garrafa de *cognac* que comprara para se excitar, metrificando furiosos alexandrinos de insulto á «ladra Inglaterra» — como se chamava ao Reino Unido. Pois, de manhã, ao sahir para levar o original á typographia, entrou no Roxo e pediu chapeos de côco — ingleses, e comprou um, que, forrado de branco, tinha em preto as armas da nação amiga e o seu distico de galante ironia: *Honni soit qui mal y pense*. Com elle o poeta se poderia desculpar no caso de lhe serem pedidas contas da falta de patriotismo na compra extranjeira; mas o burguês tambem se serviria do lemma, dado que o soubesse, para responder á censura de ter deixado de desapertar os cordões á bolsa (imagem hoje anachronica) para adquirir o poema — que apenas custava seis vintens!



Á porta da Monaco conversa connosco um *reporter*. Aproxima-se um vendedor de jornaes.

ELLE — Tens a *Batalha*?

O VENDEDOR — Ahn?

ELLE — Ahn diz-se aos burros.

NÓS — Não creia que o garoto conheça o proverbio!



Numa comedia que vae na Rua dos Condes fala-se em Shakspeare.



Para que uma peça em D. Maria chegue á 15.^a recita, que é o beneficio do auctor e a segunda consagração estimavel dos seus talentos, o que dá sempre uma casa bem cheia de *bem-visiveis* personagens muito applaudidores; para a realização deste sonho doirado, concorre a empresa societaria do theatro, quando o auctor se porta bem, e é amigo, levando a obra dramatica aos empurrões contra o publico (de duas filas de cadeiras apenas) das recitas intermediarias da *premiere* e dessa — exceptuando os domingos.

Para evitar esta manifesta envidação de esforços por parte da direcção do theatro lembra-nos aconselhar não que deem os treze espectaculos prehencentes em treze domingos — leva

muito tempo ; mas que logo á 6.^a ou 7.^a— dado que succeda o mesmo que succedeu ao *Alcacer-Kibir* — anunciem :

«Pede-se ao publico e aos muitos amigos e admiradores do autor, que são tantos quantos o conhecem, que tomem esta 6.^a recita como se fôsse a gloriosa 15.^a, e assim não falem a festejar este Shakespeare, (ou este Sardou, ou este Victor Hugo, conforme o genero da peça).

E quando a peça lá podesse chegar, mas o autor precisasse muito instantemente de dinheiro — como Balzac — acrescentaria o sr. Jayme Victor— se podia fazer o mesmo com uma simples advertencia de contra annuncio.— Assim :

«Os enthusiasmos que tinham a data... perdão que deviam servir na 15.^a recita teem cabimento hoje, etc.»

— Que o triumvirato da casa de Garrett e *Pan-Tarantula* haja vista sobre este alvitre, que lhe apresentamos — sem direitos de auctor.



Muito assiduo na Bibliotheca Nacional, onde é empregado, Schwalbach, para escrever o *Intimo*, pediu dois mezes de licença, com vencimentos — é claro.

Se o sr. Lino d'Assumpção, tambem da Bibliotheca, tambem dramaturgo, se lembra de fazer o mesmo — ai pae do céo ! — estamos servidos.



Do dictionario de Fonseca-Roquete :

«*Dramaturgo*, s. m. autor de dramas : diz-se ironica e irrisoriamente.»

Mas como é isto, se ao tempo ainda não tinha apparecido o sr. Joaquim Miranda ?



Binoculo na «folha intransigente» escrevinha umas coisas respeitantes aos *Peizes dourados*. Vae d'ahi apparece parte dellas transcripta na gazeta musical que o mesmo joven dirige.

O que succede então? Isto: *Binoculo*, embaciado, agradece na folha a honra... a si mesmo.

É de muito alcance.



Gervasio Lobato tem estado muito doente da boxiga.

Desejando-lhe rapidas melhoras, ousamos pedir-lhe que não abuse mais della.

L'UOMO DI GENIO

I

Lembra uma tocha em funeral.
Pensa-se, ao vê-lo, no feral
Cypreste mesto e sepulchral.

Dá-nos assim no mesmo instante
A visão clara, palpitante
Duma capella crepitante,

Onde resoa o cantochão,
Rolando em volta do caixão
Erguido sobre o escuro chão,

Nas pompas lugubres da eça.
E vê a gente, peça a peça,
Todos os accessorios dessa

Tragica farça em que o papel
Do morto é simples no tropel
Dos crepes e do oiropel.

E logo o marmore e a terra
Em que o defunto após se enterra
Nos apavora e nos aterra.

Sente-se a fossa sem calor,
O seu pesado e gordo olor,
E á beira della o goivo — a flor

Inexoravel escarninha,
Que, enquanto o verme em nós se aninha,
Ri zombeteira, má, damninha.

II

Um grande romancista, olá !
Aqui e em França, mesmo lá...
Com Maupassant, Daudet, Zola.

Myope, esguio, macilento,
De olhar cerrado e somnolento,
Eis o Flaubert com mais talento,

Mestre, sem ter sido aprendiz,
Que, sem astucias nem ardis,
— Elle ahí está que bem no diz,

Rompeu de subito, esquipatico,
A estagnação dum burgo apathico:
Tal qual Baudelaire antipathico.

Que varonil merito o seu !
Lisboa inteira o conheceu
Assim que nos appareceu

Mais outre chefe de quadrilha,
Com o qual a patria bandarilha,
E óvante um bom caminho trilha.

O outro é forte, elle subtil !...
Encima-o como a um o um til
E vence-o magico e gentil.

Luxuosamente afaviado,
E de mil ditos recheado,
Faz as delicias do Chiado,

Com fatos de cheviote e brim ;
E as da rua do Alecrim,
Cruel! — matando o mandarim.

Soffre-lhe a veia aguda e fria
Essa immortal patifaria
Do beaterio de Leiria.

E vae ainda mais alem :
Pinta o Messias de Bethlem
Andando por Jerusalem !

Por isto, é claro, se denota
Que teve a linha e deu a nota
Como escriptor, como janota.

Mas o que delle mais seduz,
E dum seu livro se deduz,
A este pouco se reduz :

Trazer ao povo, que elle innova
Com o Realismo, a Boa Nova
Do raiar da *sensação nova*.

AO MÁGICO

No numero 2, e talvez ultimo, da *Cega-Rega*, folheto de *Beldemonio*, escreve este ácerca de um livro nosso intitulado *Fascinação do Abysmo*:

«Que nós somos um moço distincto, rico, e escrevemos por dilettantismo.

«Que, animado por estas informações que a nosso respeito obtive, nos aconselha a que deixemos de escrever, porque somos um deslocado na carreira litteraria.

«Que temos 14 tostões de papel impresso em varios livros, e ainda não nos evidenciámos.

«Que somos um *pato* para os donos de typographias.

«Que, assim como escrevemos que mandavamos o nosso livro ao publico, cheio de esperança, e aos criticos, cheio de medo..., poderíamos ter escripto: mandamos o publico e os criticos ao... nosso livro.»

Eis o que disse *Beldemonio*. Na esperança de que o homem nos responda, caso saia o n.º 3 do seu folheto, o que poderá succeder se não estiverem cobradas as assignaturas, as quaes são pagas adeantadamente por um anno, fazemos-lhe hoje esta pergunta:

Quem lhe deu a conta aproximada das nossas cedulas de tostão?

Alguem, que lhe apontou a nossa carteira, quiçá para se descartar do illustre cavalheiro. Olhem se nos não temos posto de mal com elle... antes de lhe ser apresentado?!...

Depois a graça do homem, quando nos desillude, *amimado* por saber que somos um homem despreocupado da lucta pela vida!

Beldemonio é, como todos sabem, conhecido pelo seu excellente coração. Tivemos agora mais uma prova disso!

Emfim, já que o Evangelho da critica nos lança aquelle veredicto, vamos abandonar as lettras. Tinhamos dois romances começados, para os dois annos proximos... Já os rasgámos, e estamos roendo as unhas, lagrimoso. Vamos dedicar-nos a qualquer cousa: ao commercio ou á industria, —

comtanto que não seja a delle, que é illudir papalvos com promessas de publicações.

Quanto aos 14 tostões de papel impresso que ainda nos não evidenciaram, notamos que *Beldemonio* tem razão. Elle tem-se evidenciado com muito menos.

Diz elle que somos um *pato* para os donos de typographias; e vae dahi, dizem-nos os donos de typographias que elle tambem é um *pato*... bravo.

Nós mandamos *Beldemonio* á *Cega-Rega* e vice-versa, e que tantas vezes vão um ao outro, quantos sejam os numeros do folheto que os assignantes deixarão de receber... felizmente para elles.

Na *Cega-Rega* ha uma cousa de valor: é a capa de resguardo, como *Beldemonio* muito bem lhe chama. Aquella capa seria assumpto para meditações de Lombroso.

Mas no interior não ha nada. Querem uma amostra? Diz *Beldemonio* que perguntando-lhe o sr. Fernandes Caldeira quantos annos lhe dava, respondeu:

— Nenhuns. O senhor já tem bastantes!

E diz isto como graçola sua! Ora, por muito velho que o sr. Caldeira fôsse... aquelle dito sempre tem mais alguma idade!

Esta palermice do homem vingá-nos do desprezo em que elle nos tem, que talvez seja motivado pelo que temos por elle.

Que elle era um nulozitô, já nós sabiamos. Arranjou fama de talento, aggredindo os que duvidavam das suas artes. Foi o Sganarello de si mesmo. Encostou-se a uma esquina, e eil-o ahi a dizer mal de todos. O mundo, á bôca pequena, diz que o *typo* é *tolo*, como o do soneto do illustre arcade; mas o *typo* insulta quem lho disser, e assim se tem guardado. Julgou-se, até hoje, inatacavel: mas nós não vamos com o bando. Ouça-nos, e chuche.

Por que, a final de contas, em que se tem elle evidenciado? Os seus admiradores embaraçam-se quando lhe perguntamos: — O que tem elle feito?

Uns ditos, umas traduções, umas bagatelas, que nos dão delle a seguinte idéa:

— E' um trapeiro da litteratura. Fez uma obra de migalhas; o seu trabalho é uma boneca de farrapos, que lhe dará a immortalidade, segundo elle pensa — e não lha dará tal, segundo nós pensamos, e o mundo pensa tambem.

Sim! *Beldemonio*, você não será um immortal. Creia que logo no dia da sua morte começará o esquecimento de um grande marmanjo!

A circular pedindo assignaturas aos monarchicos para a *Cega-Rega* tinha como isca esta phrase, lemma dos fins da publicação: — «*pro rege*».

A favor do rei! Expressão de batota impulsivamente lançada ao papel...

Cuidado, senhores, não tirem os olhos da mão com que elle segura o baralho. E attenção tambem á importancia posta no lance — que está mal figurada!

Da *Cega-Rega*:

«SOUSA MARTINS: Nem parece medico; já me salvou duas vezes.»

— De apertos...

É *Beldemonio* quem fala — *pro rege*, quer dizer, com propina: — «Jayme da Costa Pinto tem o coração mais alto do que a cabeça!»

Agora nós:

— E tão ôco um como a outra. O que elle tem cheio e á altura do *Beldemonio* é a bolsa, — perdão!... a carteira.

O *Beldemonio* troça do Fialho d'Almeida... que esteve para ser medico.

Creemos que Fialho se rirá do espirito do *Beldemonio*, que esteve para ser escriptor.

Dois abortos!

Simplemente Fialho fez-se escriptor, e o *Beldemonio* nem ainda é alveitar. Mas se aquelle não trata ninguem; este trata... de explorar os incautos — *pro rege*.

É a differença...

— Deve ter obras ineditas o *Beldemonio* ?
— Tem. As de misericordia...



Um epitaphio litterario que não é do Coelho de Carvalho :

†

AQUI JAZ

BELDEMONIO

PINTURILLOU — EMBARRILOU

A Morte deitou-lhe a mão — como um policia



INSTANTANEO CATITA

« *Gualdino Gomes* — Uma bisnaga de fel. »

— Pode passar o ingenuo salsinha, de bofes de papel, grillhão de batatas, oculos de lata, chavelho torto — e « dá cá dé réis ó velho... »

Não seremos nós quem o bisnague. Não é o fel...

Está ali assim á esquina o Baracho...



O Eduardo Schwalbach fez um drama para D. Maria. A peça saiu boa ; mas os camaradas do jornalista escrevem e propalam que o trabalho é de primeira ordem, — uma maravilha !

Está-se a ver o desejo que elles teem de a metter pelo buraco do ponto.

AXIOMA

Duma obra litteraria, quando não se pode dizer mal, deve-se elogial-a tanto e tão exageradamente — que isso só por si baste para a fazer cair.

Que neste caso o que mais irrita é ser para D. Maria a peça. Se fôsse para o Gymnasio ou Trindade, a inveja dos vorazes era menor, — porque os direitos de autor nesses theatros são uma miseria...



As peças de theatro, especialmente em D. Maria, ganha-

vam para a Arte em não ter *première* — deviam começar na segunda representação; para o auctor e publico figurante como era bom que todas as recitas fôsem sempre primeiras!

A segunda do *Intimo* tinha meia casa.



Assustados pela bulha que fazia o partido republicano, cujo estado de furia... esteril chegou a produzir um chinfrim no Porto, — já lhe passou a sessão! —, e pelo importante crescimento d'esse partido com a adhesão da classe academica, especie de garotada que os revolucionarios queriam pôr á frente da philarmonica da Marselhesa, — os monarchistas, até ha pouco em debandada, juntaram-se e disseram — «que necessitavam de fazer tambem propaganda, que era mistér espalhar no espirito das massas idéas conservadoras, e realistas; e que, unidos, deviam de tecer hymnos ás majestades, publicar livros de propaganda, queimar foguetes em todas as estradas por onde os reis passassem, promover nas provincias grandes manifestações de sympathia, mandar D. Carlos para a Beira, D. Maria Pia para o Douro, D. Affonso para o Alemtejo, e victorial-os por lá, aproveitando em seguida occasião de os victoriar em Lisboa, na volta.

Vaz Preto, esperando o monarcha em Abrantes, cae-lhe aos pés offertando-lhe um par de enormes melancias; no Espinho os batoteiros interrompem-se para dar uns vivas á rainha-mãe; no Rocio de Lisboa D. Carlos vê, com alegre surpresa, espetados no chão quinze mastros pintados com bandeiras anonymas, ao chegar da Covilhã, e nota muita areia vermelha á porta do Mattos Moreira.

Começa o periodo da nova evolução de espiritos a favor da realleza. E' o signal de alarme.

Proseguindo, o chefe do Estado corre Mafra, Cintra, Cascaes, e vê com alegria o seu povo collocando balões venezianos por toda a parte; Ramalho Ortigão, de braços dados a Costa Pinto e Rosa Catatau, indicando com os fura-bolos ao pyrotechnico aonde deve collocar as rodinhas de fogo, e as girandolas.

Infelizmente, só por um lado, adoece Lopo Vaz. Mas os partidos da coroa e do soberano desatam, a favor do agio e por isso mesmo, num berreiro lamuriento de orações dando

graças a Deus pelo afastamento do flagello da morte do ministro, o que seria uma calamidade... para elles.

E foi de ver o infindavel numero de *Te-Deums* agradecendo ao Creador o ter poupado a vida a esse cambista Fonseca homem de Estado, que tantas vezes tem distribuido a *taluda*, e que com tanto palpito continúa a abrir bilhetes.

Então, logo após as primeiras melhoras, logo em seguida á primeira congratulatoria festa de igreja — a que por signal assistiu o Mó dos Penhores — o governo pensou em pôr o rei outra vez a passear por esse paiz fora. E lá ferram com o pobre homem, mulher e filho no Porto.

Ramalho Ortigão parte logo tambem, e d'esta vez sem o Catatau e o Jayme de Cascaes, vae contentissimo, radiante. Desta vez terá só elle o regio agradecimento... mas — ó estupor! — surge o doce Carrelhas e vence-o. Contaremos como no proximo numero.



A um de nós, muito falador, dizia o Alberto de Oliveira :

— Você embriaga-se com o som das palavras que profere...

— É mal visto ; eu não me embebêdo com zurrapa.



De novo temos em Lisboa a princeza Ratazana, hospedada, ao que se publica, num terceiro andar da rua de S. Bento.

Vale-lhe a luminosa invenção do guarda-nocturno para lhe não succeder, ao voltar do theatro, o mesmo que ao Eça de Queiroz do tempo das *Farpas*, que, alta noite, vindo do Gremio e de outros pontos elegantes, tinha que estar a bater argoladas a porta, e o ar frio da madrugada a picar-lhe a pelle atravez da meia de seda com ferradurazinhas bordadas, premeda sob o sapato de verniz de entrada abaixo.

Que a traductora emerita do *Primo Bazilio* levaria em tal caso vantagem ao romancista. Tinha que dar só trez pancadas — dando mesmo de barato que podessem ser repenicadas — menos uma que o glorioso escriptor.

E peor ainda : o quarto andar do humourista era... na Baixa !

Logo a Ratazana tem precedente e exemplo honroso. Mas se não o tivesse, teria desculpa. Aloja-se, é notorio, em casa

da sr.^a D. Guiomar Torrezão. Ora é sabido que os corpos attraem-se na razão directa das massas.

E nada de trocadilhos, rapazes! que a princesa é como o *Dom Sancho* da trova...



A's chancellarias portuguezas no extranjeiro foi transmitido, para que os nossos ministros o notificassem aos respectivos governos, que Brazão e Rosa Damasceno resolveram continuar no theatro de D. Maria, dada a substituição do gabinete Posser pelo de Augusto Rosa.

O conde de Caprivi, ao sabel-o, foi logo, cheio de jubilo, communicar o grato acontecimento ao imperador, que, contentissimo, disse que ia mandar a Brazão um novo rescripto do seu punho sobre o modo de interpretar as comedias allemãs traduzidas pelo Moura Cabral e pelo José Antonio.

Ao papa Leão XIII é que ainda não pôde ser dada a gostosa noticia. O estado da saude do pontifice, abalada já pela nova triste que é agora contra-indicada, não permite a commoção da alegria que o Santo Padre havia de sentir quando o cardeal Rampolla lhe dissesse:

— Elles, a final, ficam.



Em *errata* escrevia-se no *Jornal da Noite* que o artigo do collaborador *Binoculo* viera crivado de erros na vespera, e pedia-se desculpa aos leitores.

Aos leitores?? Que cynismo! A redacção a querer illudir os proprietarios!...



FECHO DE OIRO — Para a 15.^a recita do *Intimo* conseguiu Schwalbach que sejam augmentados os preços de entrada.

Boa idéa, seu Soares! Querem figurar applaudindo a peça, chamando o auctor? Pois então paguem esse luxo.

Surpresa sobre surpresa. *Coup sur coup*. Hontem, grande autor, como Sardou; hoje grande empresario, como Santos Junior. Vão vêr que é capaz, como a Pepa, de dar continuação da festa na noite seguinte. D'aqui te felicitamos pelas tuas peças, e te agradecemos muito a ultima — em nome do Lopes de Mendonça e de D. João da Camara — e sempre queremos ver se alguém duvida agora do teu talento, ó novo Sousa Bastos. Bradava aos céos uma tal injustiça.

SUMMARIO

A FIALHO D'ALMEIDA (*dedicatoria*) — APRESENTAÇÃO D'ARMAS — Profissão de... esperança — «A' presença do publico illustrado» — Nós, vós, Elvino de Brito e Diogenes — Não são «absolutamente independentes» as *Balas* — Pimpam-pum — O JORNALISTA PORTUGUES — Suas artes e letras — Voracidade do mesmo — O theatro e o livro segundo as manhas delle — NACIONALIZAÇÃO DA INDUSTRIA COM FORÇA DE LEI — D. Affonso patriota — Um poeta não patriota e um poema não vendido — SABEDORIA DAS NAÇÕES — SHAKSPEARE NA RUA DOS CONDES — A 15.^a RECITA EM D. MARIA — Esforços da empresa quando o auctor não escandaliza ninguém — Conselhos nossos bem intencionados e gratuitos — Balzac, o sr. Jayme Victor, Garrett e *Pan-Tarantula* — A BIBLIOTHECA NACIONAL AUXILIANDO O RENASCIMENTO DO THEATRO — FONSECA-ROQUETE — UM BINOCULO DE MUITO ALCANCE — GERVASIO LOBATO E A BEXIGA — L'UOMO DI GENIO — VIDA E MILAGRES DE BELDEMONIO — INSTANTANEO DUM LARGO EXPOSITOR DE CHAPAS — O INTIMO — A inveja dos criticos — DILEMMA ARTISTICO-ECONOMICO — REPUBLICOS E MONARCHISTAS — Echos das festas de Cascaes — Ramalho cioso de Catatau — Jayme triumphante — A doença de Lopo Vaz — Os *Te-Deum* — Carrelhas vence Ramalho — A PRINCEZA RATAZANA NA RUA DE S. BENTO — Fala-se do Eça de Queiroz do tempo das *Farpas* — As duas! — BRAZÃO E ROSA DAMASCENO NÃO SAEM — Grande satisfação ao receber-se a nova nas côrtes estrangeiras — Leão XIII e os dois comediantes — ERRATA COMO RECLAME — SCHWALBACH BARNUM — Depois de Garrett, é o reformador do theatro português... nos preços das entradas.

O 2.^o numero das *Balas... de Papel*, é posto á venda em 15 de dezembro nas livrarias, estancos e kiosques.

PREÇO DE CADA EXEMPLAR — 50 RÉIS

Não podem ir n'este primeiro numero os annuncios recebidos, por terem vindo tarde.

Toda correspondencia para o escriptorio da empresa — Calçada do Garcia, 4 — 1.^o

Editor responsavel — J. Garcia de Lima, rua da Bella Vista, 98